

# TIQQUN

Órgão consciente do Partido Imaginário

---

Como fazer?

# COMO FAZER?

*Don't know what I want, but I know how to get it.  
-Sex Pistols, Anarchy in the UK*

I Vinte anos. Vinte anos *de contrarrevolução*. De contrarrevolução *preventiva*.  
Na Itália<sup>1</sup>.  
E fora dela.  
Vinte anos de um sono eriçado de cercas de arame farpado, povoado de vigias. De um sono *dos corpos*, imposto pelo toque de recolher.  
Vinte anos. O passado não passa. Porque a guerra continua. Se ramifica. Se prolonga.  
Numa reticulação mundial de dispositivos locais. Numa calibragem inédita das subjetividades. Numa nova paz superficial.  
Uma paz *armada*  
feita sob medida para cobrir o desenvolvimento de uma imperceptível guerra civil.

Há vinte anos, era  
o punk, o movimento de 77, a área da Autonomia,  
os índios metropolitanos e a guerrilha difusa.  
De repente surgia,  
como saído de alguma região subterrânea da civilização,  
todo um contra-mundo de subjetividades  
que não queriam mais consumir, que não queriam mais produzir.  
*que já não queriam nem mesmo ser subjetividades.*  
A revolução era molecular, a contrarrevolução não o foi menos.  
ELES<sup>2</sup> dispuseram ofensivamente,  
depois duradouramente,  
toda uma complexa máquina de neutralizar o que é portador de  
intensidade. Uma máquina de desativar tudo o que *poderia* explodir.

---

1 N. do A.: Este texto foi escrito para ser publicado na Itália, na primavera de 2001.

2 N. do T.: Em francês *ON*, com letra maiúscula, que no jogo do texto se opõe a *on*, com letra minúscula, que traduzimos por “a gente” (mas é importante lembrar sempre que *on* é um pronome pessoal indefinido).

Todos os indivíduos de risco, os corpos indóceis,  
as agregações humanas autônomas.  
E então foram vinte anos de estupidez, de vulgaridade, de isolamento e de  
desolação.  
Como fazer?

Se reerguer. Reerguer *a cabeça*. Por escolha ou por necessidade. Pouco  
importa, na verdade, de agora em diante.  
Se olhar nos olhos e se dizer que a gente tá recomeçando. Que todos  
saibam, o quanto antes.  
A gente tá recomeçando.  
Acabou-se a resistência passiva, o exílio interior, o conflito por subtração,  
a sobrevivência. A gente tá recomeçando. Em vinte anos, a gente teve  
tempo pra ver. A gente entendeu direitinho. A democracia para todos, a  
luta “antiterrorista”, os massacres de Estado, a reestruturação capitalista e  
sua Grande Obra de depuração social,  
por seleção,  
por precarização,  
por normalização,  
por “modernização”.  
A gente viu, entendeu. Os métodos e os objetivos. O destino que ELES  
reservam para nós. E o que ELES nos negam. O estado de exceção. As  
leis que colocam a polícia, a administração, a magistratura acima das leis.  
A judicialização, a psiquiatrização, a medicalização de tudo o que sai do  
quadro. De tudo o que *escapa*.  
A gente viu, entendeu direitinho. Os métodos e os objetivos.

Quando o poder estabelece em tempo real sua própria legitimidade,  
quando sua violência se torna preventiva  
e seu direito é um “direito de ingerência”,  
então já de nada serve ter razão. Ter razão *contra ele*.  
É preciso ser mais forte, ou mais astuto. É por isso  
também  
que a gente recomeça.

Recomeçar nunca é recomeçar *alguma coisa*. Nem retomar um assunto ali  
onde a gente o tinha deixado. O que a gente recomeça é sempre *outra coisa*.  
É sempre inaudito. Porque não é o passado que nos impele a isso, mas  
precisamente o que nele  
*não*  
adveio.  
E porque somos também *nós mesmos*, então, que recomeçamos.  
Recomeçar quer dizer: sair da suspensão. Restabelecer o contato entre  
nossos devires.  
Partir,  
de novo,  
dali onde estamos,  
agora.

Por exemplo, há golpes  
que ELES já não nos darão mais.  
O golpe da “sociedade”. A transformar. A destruir. A tornar melhor.  
O golpe do pacto social. Que alguns quebrariam enquanto outros podem fingir “restaurá-lo”.  
Esses golpes, ELES já não nos darão mais.  
É preciso ser um elemento militante da pequena-burguesia planetária,  
um verdadeiro *cidadão*  
para não ver que ela já não existe mais,  
a sociedade.  
Que ela implodiu. Que já não é mais que um argumento para o terror infligido por aqueles que dizem a  
re/presentar.  
A ela que se ausentou.

Tudo o que é social se tornou alheio a nós.  
Nos consideramos absolutamente livres de qualquer obrigação, de qualquer prerrogativa, de qualquer pertencimento *sociais*.  
“A sociedade”,  
é o nome que recebeu muitas vezes o Irreparável,  
entre aqueles que queriam também fazer dele  
o Inassumível.  
Quem rejeita esse engodo deverá tomar  
um passo de distância.  
Operar  
um ligeiro deslocamento  
em relação à lógica comum  
ao Império e à sua contestação,  
a lógica da *mobilização*,  
em relação a sua comum temporalidade,  
a da *urgência*.

Recomeçar quer dizer: habitar essa distância. Assumir a esquizofrenia capitalista no sentido de uma crescente faculdade de dessubjetivação.  
Desertar *mas guardando as armas*.  
Fugir, imperceptivelmente.  
Recomeçar quer dizer: juntar-se à secessão social, à opacidade, entrar *em desmobilização*,  
subtraindo hoje da tal ou tal rede imperial de produção-consumo os meios de viver e de lutar para, no momento escolhido, afundá-la.

Falamos de uma nova guerra,  
de uma nova guerra de *resistentes*. Sem *front* nem uniforme, sem exército nem batalha decisiva.  
Uma guerra cujos focos se desdobrem à distância dos fluxos mercantis ainda que conectados a eles.  
Falamos de uma guerra latente. Que *tem o tempo*.  
De uma guerra *de posição*.

Que se trava ali onde estamos.  
Em nome de ninguém.  
Em nome de nossa própria existência,  
que não tem nome.

Operar esse ligeiro deslocamento.  
Já não temer seu tempo.  
"Não temer seu tempo é uma questão de espaço".  
Na okupa. Na orgia. Na revolta. No trem ou na cidadezinha ocupada. Na  
busca, em meio a desconhecidos, de uma *free party* inencontrável. Faça a  
experiência  
desse ligeiro deslocamento. A experiência  
de minha dessubjetivação. *Devenho*  
uma singularidade qualquer. Um *jogo* se insinua entre minha presença e  
todo o aparato de qualidades que estão ordinariamente vinculadas a mim.  
Nos olhos de um ser que, presente, quer me estimar *pelo que eu sou*,  
saboreio a decepção, *sua* decepção por ver que me tornei tão *comum*, tão  
perfeitamente *acessível*. Nos gestos de outro, uma inesperada cumplicidade.  
Tudo o que me isola como *sujeito*, como corpo dotado de uma  
configuração pública de atributos, sinto que se derrete. Os corpos se  
desfiam em seus limites. Em seus limites, se indistinguem. Bairro após  
bairro, o qualquer arruína a equivalência. E alcanço uma nudez nova,  
uma nudez *imprópria*, como que vestida de amor.  
E lá se pode escapar sozinho da prisão do Eu?

Na okupa, na orgia, na revolta, no trem ou na cidadezinha ocupada. Nos  
encontramos.  
Nos encontramos  
*como singularidades quaisquer*. Isto é,  
não sobre a base de um pertencimento comum,  
mas de uma *comum presença*.  
É essa  
nossa *necessidade de comunismo*. A necessidade de espaços de noite, onde  
possamos  
nos encontrar  
para além  
de nossos predicados.  
Para além da *tirania* do reconhecimento. Que impõe o re/conhecimento  
como distância  
*final* entre os corpos. Como inelutável separação.  
Tudo o que ELES – o noivo, a família, o entorno, a empresa, o Estado, a  
opinião – reconhecem em mim, é por aí que acreditam me pegar.  
Pelo recordar constante do que sou, de minhas *qualidades*, ELES gostariam  
de me abstrair de cada situação. Querem extorquir de mim em toda e  
qualquer circunstância uma fidelidade a mim mesmo que é uma fidelidade  
*aos meus predicados*.  
ELES esperam de mim que me comporte como homem, empregado,  
desempregado, mãe, militante ou filósofo.  
ELES querem conter entre os marcos de uma identidade o curso  
imprevisível de meus devires.

ELES querem me converter à religião de uma coerência que ELES escolheram para mim.

Quanto mais sou *reconhecida*, mais meus gestos se encontram travados, *interiormente* travados. Eis-me capturada na malha ultrafina do novo poder. Nas redes impalpáveis da nova polícia: A POLÍCIA IMPERIAL DAS QUALIDADES. Há toda uma rede de dispositivos em que me moldo para me “integrar”, e que *incorporam* em mim essas qualidades. Todo um pequeno sistema de fichamento, de identificação e de “policiamento” mútuos. Toda uma prescrição difusa da ausência. Todo um aparato de controle comporta/mental, que visa ao panoptismo, à privatização transparencial, à atomização. E no qual me debato.

Preciso me tornar anônima. Para estar presente. *Quanto mais anônima sou, mais estou presente.* Preciso de zonas de indistinção para acessar o Comum. Para já não me *reconhecer* em meu nome. Para já não escutar em meu nome senão a voz que o chama. Para fazer consistir o *como* dos seres, não o que são, mas *como* são o que são. Sua forma-de-vida. Preciso de zonas de opacidade onde os atributos, mesmo criminais, mesmo geniais, já não separam dos corpos.

*Devir* qualquer. Devir uma *singularidade* qualquer, não está dado. Sempre possível, mas nunca dado. Há uma *política* da singularidade qualquer. Que consiste em arrancar do Império as condições e os meios, mesmo intersticiais, de se experimentar como tal. É uma política, porque supõe uma capacidade de enfrentamento, e porque uma nova agregação humana lhe corresponde. Política da singularidade qualquer: liberar esses espaços nos quais já nenhum ato é atribuível a qualquer corpo dado. Onde os corpos reencontram a aptidão ao *gesto* que a engenhosa distribuição dos dispositivos metropolitanos – computadores, automóveis, escolas, câmeras, celulares, academias, hospitais, televisões, cinemas, etc. – tinha roubado deles. Reconhecendo-os. Imobilizando-os. Fazendo com que girem no vazio. Fazendo a cabeça existir separada do corpo.

Política da singularidade qualquer. Um devir-qualquer é mais revolucionário que qualquer ser-qualquer.

Liberar espaços nos libera cem vezes mais que qualquer “espaço liberado”.  
Mais que de colocar em ato um poder, gozo de colocar em circulação  
minha potência.

A política da singularidade qualquer reside na ofensiva. Nas  
circunstâncias, nos momentos e nos lugares em que serão arrancados  
as circunstâncias, os momentos e os lugares  
desse anonimato,  
de uma parada momentânea em estado de simplicidade,  
a ocasião de extrair de todas as nossas formas *a pura adequação à presença*,  
a ocasião de estar e ser, enfim,  
*aí*.

## II

COMO FAZER? Não *O que fazer? Como fazer?* A questão dos meios.

Não a dos fins, a dos *objetivos*,  
do que é preciso fazer, estrategicamente, no absoluto.

A questão do que a gente *pode* fazer, taticamente, em situação,  
e da *aquisição* dessa potência.

Como fazer? Como desertar? Como isso funciona? Como conjugar  
minhas feridas e o comunismo? Como permanecer em guerra sem perder  
a ternura?

A questão é técnica. Não um problema. Os problemas são rentáveis.

Alimentam os *experts*.

Uma questão.

Técnica. Que se desdobra em questão das técnicas de *transmissão* dessas  
técnicas.

Como fazer? O resultado sempre contradiz a meta. Porque postular uma  
meta

ainda é um meio,

*outro* meio.

*O que fazer?* Babeuf, Tchernychevski, Lenin. A virilidade clássica reivindica  
um analgésico, uma miragem, alguma coisa. Um *meio* para se ignorar ainda  
mais um pouco. Enquanto presença. Enquanto forma-de-vida. Enquanto  
ser *em situação*, dotado de inclinações.

De inclinações *determinadas*.

O que fazer? O voluntarismo como derradeiro niilismo. Como niilismo  
próprio

à virilidade clássica.

O que fazer? A resposta é simples: submeter-se uma vez mais à lógica da  
mobilização, à temporalidade da urgência. Sob pretexto de rebelião.

Postular fins, *palavras*. Tender à sua realização. À realização *das palavras*.

Enquanto isso, deixar a existência para mais tarde. Colocar-se entre  
parêntesis. Alojarse na exceção de si. À distância do tempo. Que passa.

Que não passa. Que para.

Até... Até a próxima. Meta.

O que fazer? Dito de outra maneira: inútil viver. Tudo o que você não  
viveu, a História devolverá pra você.

O que fazer? É o esquecimento de si que se projeta sobre o mundo.

Como esquecimento do mundo.

*Como fazer?* A questão do *como*. Não do *que* um ser, um gesto ou uma coisa é, mas de *como* ele é isso que ele é. De como seus predicados se relacionam com ele.

E ele com eles.

Deixar ser. Deixar ser a hiância entre o sujeito e seus predicados. O *abismo* da presença.

Um homem não é “um homem”. “Cavalo branco” não é “cavalo”.

A questão do *como*. A atenção ao *como*. A atenção à maneira como uma mulher é, e não é,

uma mulher – são necessários dispositivos para fazer de um ser de sexo feminino “uma mulher”,

ou de um homem de pele negra “um negro”.

A atenção à *diferença ética*. Ao *elemento* ético. Às irredutibilidades que o atravessam. O que se passa entre os corpos numa ocupação é mais interessante que a própria ocupação.

*Como fazer?* quer dizer que o enfrentamento militar com o Império deve ser subordinado à intensificação das relações no interior do nosso partido. Que o político não é mais que um certo grau de intensidade *no seio* do elemento ético. Que a guerra revolucionária não deve mais ser confundida com sua representação: o momento bruto do combate.

A questão do *como*. Devir atento ao ter-lugar das coisas, dos seres. Ao seu acontecimento. À obstinada e silenciosa saliência de sua temporalidade própria sob o esmagamento planetário de todas as temporalidades pela da urgência.

O *O que fazer?* como ignorância programática disso. Como fórmula inaugural do desamor atarefado.

O *O que fazer?* volta. Há alguns anos. Desde a metade dos anos 90 mais do que desde Seattle. Um *revival* da *crítica* finge enfrentar o Império com os slogans, com as receitas dos anos 60. Salvo que, desta vez, se simula. Se simula a inocência, a indignação, a boa consciência e a necessidade de sociedade. Volta-se a colocar em circulação toda a velha gama dos afetos socialdemocratas. Dos afetos *cristãos*.

E, de novo, temos manifestações. As manifestações mata-desejo. Em que não se passa nada.

E que já não manifestam senão a ausência coletiva.

Para sempre.

Para os que têm nostalgia de Woodstock, da maconha, de maio de 68 e do militantismo, aí estão as contra-cúpulas. ELES reconstruíram o cenário, *mas sem o possível*.

Eis o que o *O que fazer?* prescreve hoje: ir ao outro lado do mundo contestar a mercadoria global

para voltar, depois de um grande banho de unanimidade e de separação mediatizada,

a se submeter à mercadoria local.

Na volta, está a foto no jornal... Todos sozinhos juntos! Era uma vez...

Que juventude!...

Pena para os poucos corpos vivos perdidos ali, buscando em vão um espaço para seu desejo.

Voltam um pouco mais entediados. Um pouco mais esvaziados. Reduzidos.

De contra-cúpula em contra-cúpula, acabarão por fim compreendendo. Ou não.

A gente não contesta o Império a respeito de sua gestão. A gente não *critica* o Império.

A gente *se opõe* às forças dele.

Ali onde a gente tá.

Dizer sua opinião sobre tal ou tal alternativa, ir lá onde ELES nos chamam, tudo isso já não faz sentido. Não existe projeto global alternativo ao projeto global do Império. Porque não existe projeto global do Império. Existe uma *gestão imperial*. Toda gestão é ruim. Os que reivindicam outra sociedade fariam melhor começando por ver que já não existe sociedade. E talvez cessassem então de ser aprendizes de gestores.

Cidadãos. Cidadãos *indignados*.

A ordem global não pode ser tomada por inimiga. Diretamente.

Pois a ordem global não tem lugar. Pelo contrário. É, antes, a ordem dos não-lugares.

Sua perfeição não é ser global, mas ser *globalmente local*. A ordem global é o esconjuro de todo e qualquer acontecimento porque é a ocupação acabada, autoritária, do local.

A gente só pode se opor à ordem global localmente. Por meio da extensão das zonas de sombra sobre os mapas do Império. Colocando-as em contato progressivamente.

Subterraneamente.

A política que vem. Política da insurreição local contra a gestão global. Da presença recuperada sobre a ausência de si. Sobre a alienação cidadã, imperial. Recuperada pelo roubo, a fraude, o crime, a amizade, a inimizade, a conspiração.

*Pela elaboração de modos de vida que sejam também modos de luta.*

Política do ter-lugar.

O Império *não tem lugar*. Administra a ausência fazendo pairar por toda a parte a ameaça palpável da intervenção policial. Quem procura no Império um adversário contra o qual se medir encontrará o aniquilamento preventivo.

Ser percebido, daqui em diante, é ser vencido.

Aprender a devir indiscerníveis. A nos confundir. Voltar a ter gosto pelo anonimato,  
pela promiscuidade.

Renunciar à distinção,

Para desarticular a repressão:

propiciar ao enfrentamento as condições mais favoráveis.

Devir astutos. Devir impiedosos. E para isso

devir quaisquer.

*Como fazer?* é a pergunta das crianças perdidas. Aquelas a quem não se disse. Que têm os gestos inseguros. A quem nada foi *dado*. Cujas criaturalidade, cuja errância, não cessa de se manifestar.

A revolta que vem é a revolta das crianças perdidas.

O fio da transmissão histórica foi cortado. Até mesmo a tradição revolucionária nos deixa órfãos. O movimento operário, sobretudo. O movimento operário que se transformou em instrumento de uma integração superior no Processo. No novo Processo, cibernético, de valorização social.

Em 1978, foi em seu nome que o PCI, o “partido de mãos limpas”, lançou a caça aos Autônomos.

Em nome de sua concepção classista do proletariado, de sua mística da sociedade, do respeito ao trabalho, ao útil e à decência.

Em nome da defesa dos “avanços democráticos” e do Estado de direito.

O movimento operário que terá sobrevivido a si mesmo no operáismo.

Única crítica existente do capitalismo *do ponto de vista da Mobilização Total*.

Doutrina temível e paradoxal,

que terá salvado o objetivismo marxista não falando mais senão de “subjetividade”.

Que terá levado a um refinamento inédito a denegação do *como*.

A reabsorção do gesto em seu produto.

A urticária do *futuro anterior*.

Do que cada coisa *terá sido*.

A crítica se tornou vã. A crítica se tornou vã porque equivale a uma ausência. Quanto à ordem dominante, todo o mundo sabe a que se ater. Já não temos necessidade de teoria *crítica*. Já não temos necessidade de professores. A crítica gira a favor da dominação, de agora em diante. *Até mesmo* a crítica da dominação.

Ela reproduz a ausência. Fala-nos dali onde não estamos. Nos impulsiona para outro lugar. Nos consome. É covarde. E fica ali bem protegidinha quando nos manda para a carnificina.

Secretamente enamorada de seu objeto, não para de mentir para nós.

Daí a brevidade dos idílios entre proletários e intelectuais engajados.

Esses casamentos de *conveniência* em que não se tem a mesma ideia nem do prazer nem da liberdade.

Mais que de novas críticas, é de novas cartografias que necessitamos.

Cartografias não do Império, mas das linhas de fuga para fora dele.

Como fazer? Precisamos de mapas. Não de mapas do que está fora do mapa.

Mas mapas de navegação. Mapas *marítimos*. Ferramentas de *orientação*. Que não procuram dizer, representar o que existe no interior dos diferentes arquipélagos da deserção, mas nos indicam como chegar até eles.

*Portulanos*.

### III

Terça-feira, 17 de setembro de 1996, pouco antes do amanhecer. O ROS (Reagrupamento Operacional e Especial) coordena em toda a península a detenção de 70 anarquistas italianos.

Trata-se de pôr um fim a 15 anos de investigações infrutíferas a respeito dos anarquistas insurrecionalistas.  
A técnica é conhecida: fabricar um “arrependido” e fazê-lo denunciar a existência de uma vasta organização subversiva hierarquizada.  
Depois, com base nessa criação quimérica, acusar todos aqueles a que se quer neutralizar de fazerem parte dela.  
Ainda uma vez, secar o mar para pegar os peixes.  
Mesmo quando se trata apenas de um tanque minúsculo.  
E de uns poucos lambaris.

Uma “nota informativa de serviço” escapou ao ROS em relação a este assunto.  
Ele aí expõe sua estratégia.  
Fundado nos princípios do general Dalla Chiesa, o ROS é o protótipo do serviço imperial de contrainsurreição.  
Ele trabalha sobre a população.  
Alí onde uma intensidade se produziu, ali onde algo se passou, ele é o *french doctor* da situação. Aquele que instala, sob o pretexto de profilaxia, os cordões sanitários cujo objetivo é isolar o contágio.  
O que ele teme, ele diz. Nesse documento, ele escreve. O que ele teme é “o *pântano do anonimato político*”.  
O Império tem medo.  
O Império tem medo de que nos tornemos quaisquer. Um meio delimitado, uma organização combatente. Ele não os teme. Mas uma constelação expansiva de okupas, de fazendas autogeridas, de moradias coletivas, de ajuntamentos *fine a se stesso*, de rádios, de técnicas e de ideias.  
O conjunto conectado por uma intensa circulação dos corpos e dos afetos entre os corpos. Aí são outros quinhentos.

*A conspiração dos corpos. Não dos espíritos críticos, mas das corporeidades críticas.*  
Eis o que o Império teme. Eis o que lentamente advém.  
com o aumento dos fluxos,  
da deserção social.  
Há uma opacidade inerente ao *contato* dos corpos. E que não é compatível com o reinado imperial de uma luz que já não ilumina as coisas *senão para desintegrá-las.*  
As Zonas de Opacidade Ofensiva não estão *por ser criadas.*  
Já estão aí, em todas as relações em que ocorre uma verdadeira colocação em jogo dos corpos.

O que é preciso é *assumir* que fazemos parte dessa opacidade. E se apropriar dos meios  
de estendê-la,  
de defendê-la.  
Por toda parte onde se consegue desarticular os dispositivos imperiais, arruinar todo o trabalho cotidiano do Biopoder e do Espetáculo para

excepcionar da população uma fração de *cidadãos*. Para isolar novos *untorelli*. Nessa indistinção reconquistada forma-se espontaneamente um tecido ético autônomo, um plano de consistência separatista.

Os corpos se unem. Recuperam o fôlego. Conspiram. Que tais zonas estejam condenadas ao esmagamento militar pouco importa. O que importa, é, a cada vez, preparar uma via de retirada segura o bastante. Para voltar a se juntar em outra parte.

Mais tarde.

O que servia de base ao problema do *O que fazer?* era o *mito* da greve geral.

O que responde à pergunta *Como fazer?* é a *prática* da GREVE HUMANA.

A greve geral dava a entender que havia uma exploração limitada no tempo e no espaço,

uma alienação parcial, devida a um inimigo reconhecível, portanto derrotável.

A greve humana responde a uma época em que os limites entre trabalho e vida esmaecem completamente

Em que consumir e sobreviver,

produzir “textos subversivos” e precaver-se dos efeitos mais nocivos da civilização industrial,

praticar esportes, fazer amor, ser pai ou tomar Prozac.

*Tudo é trabalho.*

Pois o Império gere, digere, absorve e reintegra

tudo o que vive.

Mesmo “o que eu sou”, a subjetivação que não desminto *hic et nunc*, tudo é produtivo.

O Império pôs tudo para trabalhar.

Idealmente, meu perfil profissional coincidirá com meu próprio rosto.

Mesmo que não sorria.

Afinal, as caretas do rebelde vendem muito bem.

Império, quer dizer que os meios de produção se converteram em meios de controle ao mesmo tempo que o inverso ocorria.

Império significa que de agora em diante o momento político *domina* o momento econômico.

E contra isso, a greve geral já não pode nada.

O que é preciso opor ao Império é a greve humana.

Que nunca ataca as relações de produção sem atacar ao mesmo tempo as relações afetivas que as sustentam.

Que mina a economia libidinal inconfessável,

restitui o elemento ético - o *como* - reprimido em cada contato entre os corpos neutralizados.

A greve humana é a greve que, ali onde ELES esperavam

tal ou qual reação previsível,

tal ou qual tom contrito ou indignado,

PREFERE NÃO.

Se esquiva ao dispositivo. Satura-o, ou o explode.

Se recobra, preferindo  
*outra coisa.*

Outra coisa que não está circunscrita nos possíveis autorizados pelo dispositivo.  
No guichê de tal ou tal serviço social, nos caixas de tal ou tal supermercado,  
numa conversa polida, durante uma intervenção da polícia,  
de acordo com a relação de forças,  
a greve humana faz o espaço entre os corpos consistir,  
pulveriza o *double bind* em que estão presos,  
*acua-os à presença.*

Existe todo um luddismo por inventar, um luddismo das engrenagens humanas  
que fazem girar o Capital.

Na Itália, o feminismo radical foi uma forma embrionária da greve humana.  
“*Basta de mães, de mulheres e de filhas, destruamos as famílias!*” era um convite ao  
gesto de romper os encadeamentos previstos,  
de liberar os possíveis comprimidos.  
Era um atentado aos comércios afetivos escrotos, à prostituição ordinária.  
Era um apelo à superação do casal, como unidade elementar de gestão  
da alienação.

Apelo a uma cumplicidade, pois.

Prática insustentável sem circulação, sem contágio.

A greve das mulheres convocava implicitamente a dos homens e das  
crianças, convidava a esvaziar as fábricas, as escolas, os escritórios e as prisões,  
a reinventar para cada situação outra maneira de ser, outro *como.*

A Itália dos anos 70 era uma gigantesca zona de greve humana.

As autorreduções, os assaltos, os bairros okupados, as manifestações  
armadas, as rádios livres, os inumeráveis casos de “Síndrome de Estocolmo”,  
inclusive as famosas cartas de Aldo Moro preso, já perto do final, eram  
práticas de greve humana.

Os stalinistas falavam então de “irracionalidade difusa”, só pra ter uma ideia.

Há escritores também  
nos quais se está o tempo todo  
em greve humana.  
Em Kafka, em Walser,  
ou em Michaux,  
por exemplo.

Adquirir *coletivamente* essa faculdade de sacudir  
as familiaridades.

Essa arte de frequentar em si mesmo  
o hóspede mais inquietante.

Na guerra presente,  
Em que o reformismo de urgência do Capital deve vestir os hábitos do  
revolucionário para se fazer ouvir,  
em que os combates mais demokratas, os das contra-cúpulas,  
recorrem à ação direta,  
um papel está reservado a nós.  
O papel de mártires da ordem democrática,

que golpeia preventivamente todo corpo que *poderia* golpear.  
Eu deveria me deixar imobilizar diante de um computador enquanto as centrais nucleares explodem, enquanto ELES brincam com meus hormônios ou de me envenenar.  
Deveria entoar a retórica da vítima. Já que, é bem sabido, todo o mundo é vítima, até os próprios opressores.  
E saborear que uma discreta circulação do masoquismo volte a dar encanto à situação.

A greve humana, hoje, é  
recusar assumir o papel da vítima.  
Atacar esse papel.  
Se reapropriar da violência.  
Arrogar-se a impunidade.

Fazer os cidadãos petrificados compreenderem  
*que mesmo que não entrem em guerra, já estão nela de qualquer jeito.*  
Que ali onde ELES dizem que é isso ou morrer, é sempre,  
na realidade,  
isso e morrer.

Assim,  
de greve humana  
em greve humana, propagar  
a insurreição,  
onde já não há senão,  
onde somos todos,  
singularidades  
quaisquer.

---

### **NENHUM DIREITO RESERVADO**

Tradução colaborativa: Fabio Tremonte, Fernando Scheibe e Kamilla Nunes  
Florianópolis e São Paulo, dezembro de 2016.